

Pazuello, a honradez militar e nossos valores

O ex-ministro da Saúde será lembrado por 500 mil mortes, por mentir e por colocar sua instituição na berlinda



Glauco Silva de Carvalho
2 de junho de 2021

JORGE HELY/FRAMEPHOTO/FOLHAPRESS



Atitude de Pazuello coloca em xeque a autoridade do Comandante do Exército

No início dos anos 90, recebi um convite para trabalhar em Brasília, quando ainda era primeiro-tenente. Muito jovem, acabara de terminar a faculdade de Direito no Largo São Francisco, e servia no Primeiro Grupamento de Busca e Salvamento, uma unidade de elite do Corpo de Bombeiros que hoje não existe mais. Éramos todos mergulhadores. Tenho muitas e boas lembranças daquele período. Recordo-me que, um dia, em 1991 ou 1992, eu, com todo o ímpeto de um jovem, logo após a queda do Collor e durante a CPI dos Anões do Orçamento, reuni a tropa no pátio do então 1º GBS. E, empolgado, fiz um discurso para todo o efetivo de prontidão. Em síntese, disse que o Brasil nunca mais seria o mesmo e que aqueles eventos mudariam o rumo do País... Quanta inocência! Ao contrário, talvez só tenha piorado. A conversa foi, para meu azar, bem embaixo da sala do comandante do Sub-Grupamento de Busca e Salvamento, então Capitão Kyoshi Okuma. Logo depois, ele me chamou e disse: "Nunca mais fale de política dentro do quartel. Primeiro, porque a política não presta. Segundo, porque esse país não vai mudar nunca." Tomei aquilo como uma lição. Serviço público não combina com política.

Poucos meses depois, estava desembarcando em Brasília. Servi por quase dois anos na Inspeção Geral das Polícias Militares (IGPM). Ali, conheci oficiais do Exército Brasileiro que marcaram minha carreira: general Cyro Leonel de Albuquerque, que chegou a Divisão, e general Olivo, que chegou a Brigada. Foi com eles que aprendi o rigor da carreira militar e o exercício da liderança pelo exemplo. Sempre austeros, íntegros, corretos e devotos ao serviço público. É uma extirpe de gente que serviu ao País com galhardia e honradez.

Desse grupo, não faz parte o General Pazuello. Muito menos nosso, nosso não, o presidente da República. Pazuello não tem apreço por sua Instituição. Não sabe o que é honradez! Mentiu descaradamente na CPI. Desonrou sua nobre Instituição, que se manteve firme nos princípios democráticos, mesmo quando instada a fugir dos limites legais no ano de 2020, pelo mesmo Bolsonaro.

Ambos, Pazuello e Bolsonaro, não sabem o que é ser conservador, muito menos o que é a política. Acredito nisso piamente. Quando eles disseram, na defesa de Pazuello, que a “carreata” de motos do dia 22 de maio, no Rio de Janeiro, não fora uma ação política, acredito no que falaram! Bolsonaro passou 30 anos no Parlamento e não aprendeu o que é a política. No outro período em que passou no Exército, não aprendeu o que é o pundonor militar. Ou seja, não aprendeu nada a vida inteira. E o País sofre com sua estúpida ignorância, no sentido lato da palavra.

Pois bem, a *política* que eles conhecem é apenas a política do confronto, do ódio, da briga, da humilhação, do enfrentamento desleal. Não sabem que a política evoluiu nestes 500 anos, desde Maquiavel, para que a luta e a destruição dessem lugar ao acordo lícito, à cooperação, ao armistício, à busca por consensos para o atingimento de objetivos nobres e comuns à sociedade. O ato do dia 22 de maio foi, sim, um ato político. Não fosse a covid, seria plenamente legítimo. Mas, para eles, apenas o confronto e o ódio caracterizam a política.

Também são dois péssimos conservadores. Fui ajudante-de-ordens do Governador Cláudio Lembo e convivi muito com o então vice-presidente Marco Maciel. São duas figuras notáveis. Aprendi com eles a conviver com o diferente. A respeitar quem pensa de outra forma. A ter valores republicanos. A agir na política de maneira democrática e respeitosa. O *conservadorismo* respeita, acima de tudo, as Instituições. Sempre os vi tratarem as Instituições, Polícia Militar, Poder Judiciário, Ministério Público, Polícia Civil, USP etc. com muito respeito. Parcela da esquerda, por não saber conviver com o diferente, esmagou tais figuras públicas. O que sobrou? Pazuello e Bolsonaro.

A defesa de Pazuello é um acinte e um desrespeito à sua Instituição. Ele não faz jus a uma organização que ajudou a criar o Brasil, como nós o conhecemos hoje, e como tão bem ensinou o historiador José Murilo de Carvalho. Ele coloca seus interesses comezinhos à frente do Exército. Tivesse hombridade e dignidade, teria assumido seu papel e sua responsabilidade, seja à frente do Ministério da Saúde, seja nos eventos do dia 22.

Ao fazer uma defesa esdrúxula, coloca em xeque a autoridade do Comandante do Exército, que terá que tomar difícil decisão frente a essa questão, vez que o próprio presidente, comandante-em-chefe das Forças Armadas, saiu em defesa de Pazuello.

Pazuello é da mesma linhagem que Bolsonaro. Aos que terão que tomar difícil decisão nos próximos dias, lembro sempre que a história está em curso. Daqui a alguns anos, tudo isso serão fatos pretéritos. Cada qual tem que saber como quer ser lembrado. O ex-ministro da Defesa, general Fernando Azevedo e Silva; o ex-comandante do Exército, general Edson Leal Pujol; o ex-comandante da Marinha, almirante Ilques Barbosa; e o ex-comandante da Aeronáutica, brigadeiro Antônio Carlos Bermudez, saíram pela porta da frente, ainda que possam imaginar que não. Preservaram as Instituições do País. Serão lembrados por isso.

Pazuello será lembrado por 500 mil mortes, por mentir e por colocar sua Instituição na berlinda. Honradez, dignidade e pundonor não são valores de que qualquer um se aproprie. Vejamos o que acontecerá. O Brasil está à espera da conduta que se tomará em relação a Pazuello. Se ele pode, por que o soldado não pode participar de um evento do PSOL?

Glauco Silva de Carvalho

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

<https://fontesegura.forumseguranca.org.br/politica-e-policia/rcq3kgchjo>

